



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AMBIENTES DE APRENDIZAGEM COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO

Autoras:

Isabel Cristina Soares Gomes

(isabel_sgomes@hotmail.com, UFPB)

Letícia Felix Rocco Ribeiro

(lele.rocco@gmail.com, UFPB)

Orientadora:

Stella Gaspar

(stellagasparoliveira@gmail.com)

RESUMO

Dedicado ao estudo dos ambientes de aprendizagem, buscamos compreender como os profissionais da educação podem trabalhar as múltiplas realidades presentes nos ambientes educacionais e como atuar para alcançar os objetivos propostos pela sociedade atual. As diversas mudanças tecnológicas, econômicas e sociais do século XXI estimulam novas organizações dentro do espaço de convívio escolar em resposta a demanda da sociedade e os ambientes de aprendizagem se tornam responsáveis por uma nova estruturação da sociedade como um todo, pois precisamos em nível individual e coletivo buscar uma reforma do pensamento para que assim possamos dar conta da problemática que nos envolve. Este estudo se debruçou a uma pesquisa documental, através de livros e artigos de autores como Morin, (2006) Humberto Maturana (2008) e Maria Cândida Moraes (2010). Abordaremos questões de tempo, espaço, relatividade e particularidades encontradas em sala, que levam ao professor a tarefa de tornar a sala de aula em uma expressão de convivência com capacidade de transformação a todo momento, e dessa forma proporcionar a mudança do antigo paradigma de um sistema burocrático e cansativo. Este trabalho foi desenvolvido em conjunto pelas discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, orientadas pela Professora Doutora Stella Gaspar (UFPB/CE/DFE). Podemos observar, ao longo das pesquisas bibliográficas, inúmeras contribuições que os novos paradigmas proporcionaram, pois, ao compreender a complexidade de um ambiente é possível utilizar suas particularidades como pontos de partida para obtermos um melhor



desenvolvimento de todos os envolvidos nos ambientes de aprendizagem sejam eles, docentes, discentes e funcionários.

Palavras-chaves: Ambientes de aprendizagem, Educação, Transformação, Novos paradigmas.

INTRODUÇÃO

As questões em torno dos ambientes de aprendizagem nos levaram não somente a necessidade de esclarecer os fundamentos teóricos que são responsáveis pelos princípios ontológicos e epistemológicos, mas também em refletirmos a cerca da realidade educacional que é um grande desafio para os educadores acostumados em trabalhar com certezas e verdades, estes pensam que a linearidade é a regra e não a exceção; isso nos mostra a falta de instrução adequada para formarmos melhores educadores, capazes de compreenderem as realidades existentes nesses espaços de convívio e transformação.

Os estudos realizados até o presente momento nos mostram que faz-se necessário uma reforma no pensamento da sociedade atual, para que assim possamos ser capazes de resolvermos as problemáticas que nos envolvem; pois como diz Saviani:

Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional e, em consequência, carrear para ela todos os recursos disponíveis. Assim procedendo, estaríamos atacando de frente, e simultaneamente, outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc. (SAVIANI, 2009, p.153)

Onde é imprescindível a intervenção das políticas públicas e ações consistentes adequadas para que solucionemos às realidades observadas, porque entendemos que as políticas públicas se relacionam com o contexto socioeconômico e político da sociedade como um todo.

O que também vem ocasionando esses problemas, são os meios de comunicação que vem exageradamente induzindo o consumismo exacerbado, esse padrão de consumo, vem gerando mais violência e distinção de classes; nos apresentando a inexistência de valores humanos fundamentais em uma sociedade bem estruturada.



São diversos os problemas que afetam a sociedade civil, para isso, precisamos encontrar as soluções compatíveis para tamanhos impasses, para que assim possamos acreditar em um futuro melhor, e que através da educação sejamos capazes de renovar nossas esperanças no ser humano. Com isso concordamos com Maria Cândida Moraes quando ela diz:

Mas, pensando bem, precisamos de muito mais do que isto. Nesta etapa evolutiva da humanidade, necessitamos, mais do que nunca, de uma reforma do pensamento nutrida pela necessária abertura do coração, já que não adianta ter uma mente técnica e um coração vazio. Uma reforma do pensamento iluminada por uma escuta mais sensível, por um coração mais terno e amoroso, atento e solidário, por um olhar mais humano e compreensivo a respeito do sofrimento e da angústia de quem está ao nosso redor. (MORAES, 2010, p.22)

AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

Para melhor compreendermos as múltiplas realidades existentes nesses ambientes de aprendizagem precisamos como educadores, desenvolver ações que verdadeiramente cooperem para o desenvolvimento do pensamento e da consciência do ser humano, tomando consciência da nossa ação transformadora. Para isso se faz necessário que possamos entender a problemática que nos afeta; e através desse entendimento nos tornarmos conscientes da responsabilidade que nós como futuras profissionais da educação vamos ter sob a sociedade.

Junto a essa problemática, temos um padrão na educação que está ligado a um pensamento tradicional e determinista, onde produz conhecimentos cada vez mais fragmentados, vendo o aluno como alguém vazio, onde nós como professores devemos enchê-los de conhecimento, abarrotando de informações que muitas vezes são desnecessárias.

Observamos ainda hoje a falta de ambientes que proporcionem ao alunado um melhor crescimento educacional, com uma estrutura ampla, para que possam obter o desenvolvimento eficaz do conhecimento acumulado, porém, o que vemos são docentes que muitas vezes se sentem detentores do saber, e não buscam passar para seus alunos a ideia de uma educação libertadora, onde eles se tornem sujeitos críticos e pensantes.

Ressaltamos a importância de compreender ou refletir sobre a tessitura complexa dos



diversos problemas que degeneram tais pensamentos e ações nas práticas de ensino e aprendizagem, observar a estrutura geral a qual a sociedade tem construído seus valores e a partir desse âmbito geral notar os impactos diretos a educação. E como brilhantemente coloca Maria Cândida Moraes:

Precisamos refletir, crítica e conscientemente, sobre nossa realidade atual para que possamos encontrar soluções compatíveis com a gravidade dos problemas. Por outro lado, também é muito importante que o ceticismo não vença, para que possamos acreditar que um novo mundo é possível e que uma nova educação é urgente e necessária e renovar nossas esperanças no ser humano, nossa fé nas gerações e no futuro do planeta. (MORAES, 2010, p. 24)

A complexidade que une fatores biológicos, sociais, políticos e econômicos, é o ponto chave para minimamente começarmos a destrinchar a grande problemática que viemos enfrentando. Sabemos que professor e aluno fazem parte da sociedade e por isso toda a complexidade envolvida nela também os afeta, pois a escola é o reflexo da sociedade em que vivemos, esses reflexos nos afetam primeiro como cidadãos e decorrente disso traz suas consequências pra dentro da sala de aula.

A crítica não levanta somente o alerta as práticas enfadonhas e de repetição que se arrastam na educação, também para apontar fragilidades do ensino e aprendizagem como acontece atualmente, porém, também é revelado um cansaço, uma impotência, um desinteresse pela mudança, sintomas estes que são claramente potencializados pela tal complexidade da sociedade e os sistemas seculares que até hoje nos conduzem em nossas práticas.

De fato vivemos em escolas do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI, ou seja, ainda hoje é comum salas de aulas equipadas com cadeiras desconfortáveis, alinhadas em filas, diante de um quadro e uma mesa um pouco mais ‘confortável’ para o professor, paredes com espaços inutilizados e a ordem que precisa prevalecer neste recinto, vemos também, professores que mesmo jovens no campo do ensino, não usam a tecnologia já tão acessível a favor da aprendizagem, professores que permanecem em repetir os mesmos hábitos e lições que provavelmente não funcionaram nem com eles mesmos e quiçá foram criticados em seu processo de formação acadêmica, mas que pela rotina, são os artifícios mais viáveis a serem utilizados no processo de aprendizagem, onde em contrapartida temos os alunos que desde o início da infância já



tem acesso frequente aos aparelhos digitais e a internet e através desse recurso, criam comunicações escritas e comportamentos específicos desta prática, comportamentos estes, que precisam ser cuidadosamente analisados pelo professor dentro de sala, para que de alguma forma, toda essa bagagem que já vem com o aluno seja utilizada de forma positiva em seu desenvolvimento.

Fica claro que, quando falamos em ambientes de aprendizagem, temos como principais sujeitos, professores e alunos, entendendo a complexidade dos fatores que tornam a relação entre eles e o espaço em que convivem, em uma relação que pode, deve e precisa ser mudada para melhor. Transferimos para o professor essa responsabilidade, porém enquanto professores, podemos transformar o paradigma de tradicionalidade que permeia as práticas educacionais a tantos anos? A resposta, para essa questão, está na prática, em ousar mudar, em tomar os recursos viáveis e começar a fazer a diferença, uma vez que o professor é capaz de transformar o indivíduo, o aluno que por sua vez transforma a sua realidade e através dessa transformação, os que estão ao seu redor também são atingidos através de práticas possíveis de transformar a sociedade, rompendo com paradigmas inadequados para o contexto atual. Com todo esse contexto tradicionalista, Edgar Morin vem ressaltar uma questão de extrema importância:

A PRIMEIRA FINALIDADE do ensino foi formulada por Montaigne: mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia. O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: – uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; – princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido. (MORIN, 2016, P. 21)

Para conseguirmos alcançar a mudança desejada através de novas práticas e métodos, é preciso que como educadores sejamos capazes de desenvolver procedimentos que colaborem verdadeiramente para a evolução do pensamento, da consciência e do espírito do nosso alunado, sendo este um novo método de educação que possa transformar a sociedade.

Esse novo paradigma educacional tem ligação com a prática da liberdade, que é tão bem representada por Freire (2006).

Não podemos como futuros profissionais da educação deixarmos toda essa nova estrutura



educacional apenas na teoria, que muito colaboram para as novas estratégias e para compreendermos como passarmos a didática, a avaliação de maneira mais prazerosa e dinâmica, como também a pesquisa para que tornemos nossos alunos seres capazes de produzir seus materiais de estudo através da criticidade. Esses métodos devem ser bem contemplados tanto em ambientes virtuais como presenciais.

A partir dessa nova visão de mundo, podemos compreender que o ser humano é multidimensional, inacabado, complexo, constituído de diferentes dimensões que vão se formando respectivamente em seu viver/conviver; alimentado pelas suas relações interpessoais, emoções e racionais. Ontológica e epistemologicamente falando, nós não somos capazes de desagregar o ser de sua realidade pois ambos se expressam juntos; dessa maneira também não podemos separar sujeito e objeto, educador e educando, sujeito e cultura, indivíduo, sociedade e natureza, pois esses são elementos essenciais, complementares e interdependentes.

A presença de diversos níveis de realidade, nos faz compreendermos o conhecimento de outra maneira, e também a aceitar a existência de outros tipos de conhecimento, assim reconsiderando e valorizando os métodos tradicionais. Como bons educadores precisamos fazer leituras de mundo, compreendermos nossos alunos e suas múltiplas realidades para que possamos atuar de maneira satisfatória, pois cada aluno interpreta a realidade da sua maneira, através das diversas vivências de mundo, e suas percepções dos estudos elaborados, cada ser tem sua particularidade. Daí a importância de se desenvolver a capacidade de observação e cuidado; como professores das novas gerações se faz necessário que possamos desenvolver uma consciência mais iluminada, uma observação mais sensível, e utilizarmos da criticidade para compreendermos que a realidade está em constante processo de transformação.

E é através de um olhar mais cuidadoso sobre o aluno, e junto a esse olhar poderemos utilizar de uma capacidade reflexiva para melhor formarmos nossos alunos, pois educar o homem é colocá-lo em um contexto sócio histórico e cultural, e integrá-lo a comunidade em que ele vive. O olhar e o escutar de educador não podem ser assim tão espontâneos, esse olhar depende da intenção que o educador atribui, a devida importância que este dá ao seu alunado, para que através desse olhar possa melhor compreendê-los e auxiliá-los em seu processo de formação. Para que essa atitude de olhar reflexivamente seja eficaz nesse processo contínuo de formação é preciso que tanto os educadores quanto a direção e a equipe pedagógica estejam abertos para o diálogo, com objetivo de criarem novas atividades que promovam debates e distintas formas de expressão.

Ao estudarmos a teoria de Maturana (2008), fazemos uma ligação quando se trata de uma



filosofia educacional humanizada, através da biologia do amor, onde o professor terá a autonomia, sendo criativo dentro dos ambientes escolares, não se sujeitando a apenas receber o seu material pronto e simplesmente reproduzi-lo, e sim de criá-lo; Maturana também destaca o professor tendo um zelo com seu alunado, cuidando da construção do conhecimento, sendo o amor um modo de se relacionar com o outro, aceitando, respeitando, sendo tolerante, confiando, sendo solidário para uma melhor construção e formação de todos. Precisamos utilizar dessas teorias para que possamos compensar, transformar e superar este modelo tradicional de ensino que tanto mal vem causando a todos nós.

Para essa nova geração de estudantes de pedagogia, faz necessário entender que educar é enriquecer a capacidade de ação e reflexão do ser aprendente, é progredir junto com os outros em sua volta. A educação é um eterno processo de transformação, com relação de convivência, pois o professor se transforma junto ao seu aluno e o aprendiz junto com o professor e seus demais companheiros, convivendo todos nesses ambientes educacionais gerando assim melhores compreensões. O processo de educar ocorre de maneira recíproca e continuamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se faz necessário que os profissionais da educação não permaneçam construindo o conhecimento através de um único e mesmo nível de realidade, pois assim fracionaremos não apenas o saber construído mas também o ser humano, a sua realidade, se continuarmos a reproduzir o modelo antigo e tradicional de ensino teremos indivíduos fragmentados em seus processos cognitivos emocionais, limitados em seus saberes e fazeres, esse tradicionalismo nos torna como docentes, seres engessados, não abrindo espaço para inovações, aulas reflexivas, novos métodos e didáticas, e para alcançarmos a melhoria nos ambientes educacionais necessitamos acompanhar os avanços obtidos na sociedade para utilizarmos da melhor maneira possível ao nosso favor.

O novo modelo proposto para conseguirmos quebrar esse antigo paradigma, deve ser composto de espaços educativos onde alunos, professores, comunidade e tecnologias se relacionam, mediados por processos cognitivos emocionais; espaços que permitam o fluir das emoções, imaginações, intuições, pelos quais esses sujeitos possam viver e conviver, a partir das múltiplas realidades existentes. Sendo esses ambientes não direcionados apenas para a aprendizagem de um certo conteúdo, mas também onde possa desenvolver suas inteligências individuais e coletivas.

Para que possamos conquistar esse ambiente desejado, temos não apenas que conhecer as



teorias e aprender como aplicá-las porque, também é preciso entender como operar as dinâmicas energéticas desses ambientes, no rumo de facilitar a criação de cenários de redes de aprendizagem integrada, alimentada por processos de diálogos com base nos fundamentos da Biologia do Amor, proposto por Maturana (2008).

Ressaltamos que a educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os dilemas e, correlativamente, incentivar o pleno emprego da inteligência geral, para isso, a melhora nos ambientes de aprendizagem se torna um fator muito importante.

Assim entendemos que uma educação voltada para a formação de uma cabeça bem-feita, que acabe com a fragmentação como vemos na educação tradicional, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida quotidiana, social e política. É imperiosamente necessário, portanto, restaurar a finalidade da cabeça bem-feita, e buscarmos soluções para tornarmos nossa sala de aula um verdadeiro espaço de convivência e transformação.

REFERENCIAS

MORAES, Maria Candido; NAVAS, Juan M. B.. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Editora: WAK, 2010.

MARTINS, J. C.; PIMENTEL, L. da S. L. **O fazer pedagógico (Re)significando o olhar do educador**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita; repensar a reforma – reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.